Matéria Especial

Jalapão, onde Cacá Diegues filmou cenas do filme “Deus é Brasileiro”, tem uma cultura à base de lendas, fantasias e muito capim dourado. O lugar é originalíssimo, único: um deserto com um imenso oásis em pleno Brasil Central. Com capim dourado o povo produz uma arte popular rica e complexa. É a cultura de um país diversificado, forte, onde a criatividade pulsa independente das leis de incentivo.A repórter Daniella Borges, do Ministério da Cultura, visitou o Jalapão para esta matéria especial que o nosso sítio (www.cultura.gov.br) disponibiliza para todo o mundo. São lugares como o Jalapão que dão ao Brasil uma dimensão de paixão e explicam o dito popular de que “Deus é Brasileiro”!

Dunas: mais um espetáculo entre as belezas de um local que um dia foi oceano

Um imenso OÁSIS no interior do BRASIL

Por Daniella Borges

O nome Jalapão sugere um lugar distante, de lendas e de dimensões enormes. Pois é quase isso. No interior do Tocantins no coração do Brasil, o mar secou há cerca de 30 milhões de anos e deu origem ao deserto do Jalapão, com 34 mil Km², ocupando 20% do território do estado, com serras, dunas, cerrado, onça-pintada, lobo-guará, arara azul e de gente, pouca gente. Apenas 1,3 habitante por metro², dentre os oito municípios: Lagoa do Tocantins, Lizarda, Mateiros, Novo Acordo, Ponte Alta, Rio Sono, Santa Tereza e São Félix.

Mas ao contrário do que se pode imaginar, no Jalapão as águas são muitas e cortam o deserto para formar um imenso oásis, que tem a influência dos ecossistemas da Caatinga e da Amazônia. A grande variedade de plantas e animais foi preservada graças ao isolamento da região e ao acesso difícil.

A presença da água, no local, é indicada pelo buriti, a árvore mais respeitada da região, da qual se aproveita 100%, desde o fruto, para a culinária até a folha da palmeira que protege as casas dos sertanejos (feitas de taipa e barro) da quentura e do vento seco do deserto do Jalapão, com temperaturas que variam dos 30º C aos 32º C e mínimas entre 18º C e 19º C.

Buriti indica presença de água no deserto

O buriti adora água e embeleza todo o deserto. São dezenas de rios e riachos de água potável e cristalina, cachoeiras de cataratas generosas, pontes e pinguelas que ainda assustam quem viaja em sofisticados veículos de tração nas quatro rodas e se aventuram em estradas de areia, praticamente o mesmo solo que forma todo o lugar. É tudo arenito, ou seja, por fora parece rocha, mas por dentro é areia, fininha.

O Portal do Jalapão fica a 198 Km de Palmas. É o pequeno município de Ponte Alta do Tocantins. Até lá, a estrada é asfaltada, depois a poeira sobe. O caminho é difícil e o batidão dá canseira. Os pontos turísticos ficam a mais de 50 Km um do outro e mesmo com o tum-tum-tum estrada afora, vale à pena. O próximo município, Mateiros, fica a uns 170 Km, dali – onde ficam a maioria dos pontos turísticos.

O rio que corre em volta das Dunas, é rico em ferro e, apesar da água cristalina não é para beber. É um riozinho que mal cobre o pé de quem atravessa para chegar àsdunas, cuja areia já foi utilizada até mesmo para fazer a lente do Telescópio Rubble.

A Serra do Espírito Santo aparece imponente em meio às árvores tortas do cerrado, e, claro, entre os buritis. As palmeiras recebem os visitantes e aparecem belas em volta da pequena Lagoa Azul.

Deus no Jalapão

Dunas serviram de cenário para o filme **Deus é Brasileiro***, de Cacá Diegues*

A formação das Dunas é intrigante. De tanto vento, a Serra do Espírito Santo (cuja formação também é de arenito) carregou areia para a imensidão do deserto e formou dunas de até 40m, de tom alaranjado, mistura de areia com terra, água, de céu e de Deus é Brasileiro. Nesse cenário, Cacá Diegues escolheu para filmar uma das cenas de seu filme mais recente. É quando Deus (Antônio Fagundes) fala com o candidato a Santo que poderá substitui-lo para que Ele tire umas férias. O cenário é mesmo divino.

Dona Maria do Seu Lilio: luta pela sobrevivência

Antes de chegar às Dunas, porém, passando pelo Rio Novo, há uma casa especial. As letras pintadas na parede dizem: Escola Municipal Rio Novo. Há outra plaquinha: “Sorvetes Pingüim’. “Ô de casa!” Aparece, então Dona Maria, com o sorriso completo, adquirido no dentista. Há cerca de três anos, Dona Maria e Seu Lilio aparecem juntos no Globo Repórter. Até então sem dentes, D. Maria hoje com 48 anos, aparece ao lado do homem com quem se casou aos 17 anos e que faleceu há um ano um nove meses, segundo a viúva. Seu Lilio era o “dono-de-casa”, D. Maria, “a vaqueira”. Ela preferia campear o gado à lida doméstica.

A cova de Seu Lilio fica ali mesmo, a uns cinco metros da entrada da casa. A cruz aponta outros dois mortos da família, também enterrados no local. “Nem depois de morto ela saiu de perto de mim”, brinca D. Maria sob os olhos atentos dos alunos de diversas idades, “filhos do vizinho” que freqüentam a escola de sala pequena. A aula já acabou, mas as crianças permanecem ali para assistir à televisão.

Ponte Alta: Portal do Jalapão

Ecoturismo

Em pé, no canto da sala, a vaqueira oferece a R$ 1 o sorvete que veio da cidade de Porto Nacional, a 60 Km de Palmas. Enquanto isso, conta do tempo em que a vida era mesmo difícil, principalmente antes de chegar a estrada em 1989. “Eram três dias de viagem até Ponte Alta (portal do Jalapão) para buscar remédio, sal, comprar roupa, calçado. Os rios a gente atravessava era de balsa de buriti seco, de canoa de ferro (tambor), até passar a estrada.”

Para a piauiense, a região se desenvolveu muito, principalmente com o turismo. “O turismo é uma coisa muito boa. O turista chega quer um frango, a gente tem. Quer um artesanato, a gente tem.”

As margens do Rio Novo são sabiamente protegidas por árvores típicas de florestas mais densas. Quem se esgueira pelas margens do Rio Novo tem a impressão de que por trás daquela mata há uma imensa floresta, quando na verdade a vegetação é rasteira, com árvores de pequeno porte. Parece miragem.

Para os aventureiros, o *rafting* no Rio Novo é recomendável. Três ou quatro dias nas corredeiras do rio é pura emoção. O percurso termina pouco antes da Cachoeira da Velha, quando o rio cai e se parte em dois e desce bonito, em 15 m de altura, como se fosse uma pequena catarata.

E pé na estrada.

Ainda em Mateiros está o chamado Fervedouro, fenômeno que impede que o corpo, por mais que se tente, afunde. Cientificamente é chamado de ressurgência das águas. Os nativos dizem *“Frevedouro”*, assim mesmo, trocando a posição do r. A água é morna e de lá saem borbulhas, misturadas com areia, como se a água estivesse mesmo fervendo. A sensação é difícil

O azul transparente da Cachoeira da Formiga

Cachoeira da Velha: mãe de todas as cachoeiras.

“Frevedouro”: as bolhas de areia que fazem flutuar

de explicar, mas parece que a água é macia, massageia o corpo com a areia solta. As folhas de bananeira protegem o poço e dão idéia de mata fechada. Ao sair da “banheira”, é bom não esquecer de lavar o corpo no riacho ao lado, pois os resíduos da areia podem queimar a pele. Infelizmente, o poço já sofre com as ações do homem no local. Na entrada da água borbulhante há um saco plástico para evitar o escoamento da água. Dez pessoas dentro do poço é multidão e a placa avisa.

É ouro!

MULHERES DO JALAPÃO TECEM A VIDA NO INTERIOR DO TOCANTINS COM O ARTESANATO DO CAPIM DOURADO, FLOR QUE NASCE NO CAMPO E É COLHIDA UMA VEZ AO ANO

Seu Abílio pediu a enxada na hora de posar para a foto com a mulher, Dona Graci, a coordenadora das vendas do artesanato feito de capim dourado, vendido no povoado do Prata. “É pras pessoas verem que eu também trabalho. Cê fala que eu também trabaio muito, viu Graci”. É que no povoado do Prata, mulheres como D. Graci tecem a vida com o tradicional artesanato do capim dourado, iniciado pela comunidade de Mumbuca. A flor nasce no deserto do Jalapão, não é semeada e pode ser colhida geralmente em setembro.” Seu Abílio interrompe: “ Até agora eu só vi a palestra (bate papo). Num vai servir um café pra

“Meu capim, meu capim dourado que nasceu no campo sem ser semeado.”

eles, não, Graci?”

Dona Graci quase não fala, mas na primeira oportunidade reclamou do trabalho doméstico: “Sou eu pra fazer tudo, lavar, passar ...” “E eu não cozinho. Homem não sabe cozinhar”, interrompe novamente o sempre falante seu Abílio.”

Doce Ofício: há quarenta anos Seu Zezé faz rapadura

Cada mulher do Jalapão ganha cerca de R$ 400 vendendo seu artesanato para turistas de todo o Brasil e também para o exterior. Tudo começou com a mãe de Dona Miúda - da comunidade de Mumbuca - que aprendeu o ofício com os índios e passou para ela.

A chegada até o povoado foi adiada para uma conversa com um certo Seu Zezé, homem de traços finos, magro, pele escura, típica dos habitantes do Jalapão. Aos 58 anos, Seu Zezé leva a vida a praticar um doce ofício. Do caldo ferventado da cana sai um dos doces mais populares do Brasil: a rapadura. Ele fabrica rapadura desde os 10 anos. “Meu pai que me ensinou. Minha mãe não sabia, mas Deus abençoou que ela fiava e tecia”.

Caldo da rapadura: é doce, quente e mole

Moer cana: bois ainda puxam o engenho

Tudo é feito como se fosse um ritual com acompanhamento da grande família. “Essa é minha sobrinha; minha cunhada, meu..; minha...” É muita gente. Filhos ele teve sete; moram em Palmas. De volta ao doce. “Rapadura é bom de manhã, com farinha.” A repórter preferiu não dizer ao sertanejo que, sim, a rapadura é brasileira, mas a patente é americana.

Hora de ir para Mumbuca.

Estilo deserto: shopping center do capim dourado

Mal começa a conversa e Dona Maria Ribeiro da Silva, conhecida como Dona Miúda vai logo dizendo que o shopping center é “bem ali”. É lá onde estão as peças fabricadas no povoado que tem cerca de 295 pessoas. É uma casa de taipa coberta com folhas de buriti, carinhosamente batizada pelos turistas de shopping center. As peças tecidas à mão, com o acabamento de fibra de buriti, ganharam o mundo. São peças de todos os desenhos e formas, de pulseiras a sofisticadas bolsas femininas, chapéus, jogo americano, porta-jóias, cintos, chaveirinhos em formas de pequenos chapéus, fruteiras e por aí vai.

O artesanato refinado já enfeitou cabeças como a do presidente Lula e da ministra do Meio Ambiente, Marina Silva, mas a fama tem seu preço. O capim dourado pode acabar. Se colhido fora de época, a flor não nasce novamente. No caso de Mumbuca, a natureza é respeitada, garante a matriarca. “O local tem sua regra para colher o capim.”

A matriarca não esconde o orgulho. “O capim dourado foi o maior garimpo descoberto no Brasil”. E para a gente de Mumbuca é isso mesmo, pois a partir do reconhecimento da cultura do artesanato da comunidade - que é descendente das comunidades quilombolas da Bahia - a água e a luz elétrica chegaram ao local.

Aos poucos o dinheiro conseguido com os chapéus se transformam em fogão à gás, em *“frizo”* (freezer) como diz Doutora, filha de Dona Miúda e presidente da Associação dos Artesãos de Mumbuca. Ela convida para um cafezinho (desses moído na hora) e feito no fogão à lenha. A senhora queria morar na cidade grande? “Eu, não”. “Mas queria ter alguns confortos da cidade? “Ah, eu queria”. Por isso é o sonho de toda a comunidade que o capim dourado não “raleie” (não acabe).

Dona Miúda e Doutora: tecendo a vida no Jalapão

Como Dona Miúda conta, ela foi “*trabaiando, trabaiando* até que o *trabaio* apareceu”. Assim mesmo, sem lei de incentivo, sem projeto. E é tudo muito organizado. Eles vão juntos colher o capim, colocam no carro; a família que colheu mais, leva mais. Cada peça vendida no shopping tem a etiquetinha em papel com o nome do “dono”, para não ter problema na hora de distribuir o dinheiro, mas o segredo do sucesso sai da boca da “Doutora”. “A gente trabalha com amor.”

Entrevista - Dona Miúda

MinC - A senhora já conseguiu trazer pra cá luz elétrica e água. O artesanato que a senhora faz ajudou nessa conquista?

Dona Miúda - Teve muita, teve muita, a plantação do Jalapão todinho ajudou. Esse estado do Jalapão é o mais pobre que tem. Fazendo esse trabalho meu, que está hoje saindo mundo afora, toda essa gente pobre está hoje se virando.

MinC - Desde quando a vida começou a melhorar para a senhora?

Dona Miúda: " Eu também sou chefe do IBAMA."

Dona Miúda - Eu *trabaiei*, fui *trabaiando*, *trabaiando* até o *trabaio* ser reconhecido, tem uns oito anos. Hoje em dia ele é cada vez mais reconhecido e todo mundo achou importante nosso trabalho. O capim dourado foi o garimpo mais importante que teve no Brasil. (Ela bate na mesa com a mão fechada)

MinC - Muita gente tá fazendo o artesanato do capim dourado. A senhora acha que isso é uma coisa boa ou ruim?

Dona Miúda - Beleza. Tô sendo apoiada por todos nesse estado.

MinC - O capim dourado pode acabar por causa disso?
Não, num caba não. Pode ficar mais difícil um pouco. Acabar não acaba não. Porque é da natureza.

MinC – Mas a natureza também tem seus limites, suas regras..

Dona Miúda – Eu trabaio com a natureza, zelo pela natureza, tá vendo aí? Meu lugar tá a coisa mais linda. Mas é por causa do regulamento que a gente tem no lugar.

MinC – E qual é o regulamento?

Dona Miúda – Saber como é que faz uma roça, como é que coloca o fogo, a hora, o dia.

MinC - E como a senhora aprendeu tudo isso.
Dona Miúda - Foi observando a natureza. Um dia chegou aqui o IBAMA, o homem falou, sou o IBAMA, eu sou o chefe do IBAMA. Eu digo, eu também sou chefe do IBAMA. "Quanto tempo o senhor trabaia aí?" Ele disse: "Eu tô com pouco tempo". "Eu tô com 60 anos que trabaio no IBAMA."

MinC - A senhora fez uma exposição nos ministérios da Cultura e do Meio Ambiente, inclusive mandou um presente ao presidente Lula.
Dona Miúda - Eu mandei um chapéu pra ele, mas não sei se ele recebeu?
MinC - Recebeu e usou.

MinC - Mas a senhora não foi a Brasília?
Não, Brasília é muito longe, num guentei não. É longe demais. Quem foi, foi a Doutora (Presidente da Associação dos artesãos de Mumbuca, filha de Dona Miúda). Pra quem é novo é bom demais, mas sou nova também. Todo mundo fala, "Dona Miúda, a senhora já tem esses *ano* tudo, o rostinho da senhora

não é “enjiado” (rosto enrugado) , parece uma moça, com rosto liso, não tem enjiamento na cara. Tem gente com rosto enjiado, enjiado. Eu não tenho, não.

MinC - Qual é a data de aniversário da senhora?

Dona Miúda - Ninguém faz aniversário meu, não?

MinC - E a senhora não sabe a data?
Dona Miúda - Sei que eu sou de 28.

MinC - Então a senhora nunca teve festa de aniversário.

Dona Miúda - Eu e uma irmã minha nunca fez festa de aniversário, mas ninguém nunca fez.

MinC - Se a senhora fosse pedir um presente de aniversário o que seria?

Dona Miúda - Ia pedir um *agasaio* (agasalho), para fazer reunião, alegria *pro* povo meu, meus neto, filhos.

MinC - Agasalho?

Dona Miúda - É, um *agasaio* pra fazer festa, reunião.

MinC - Desculpe, não sou da região e de onde eu venho ninguém ainda teve a criatividade de chamar salão de festas de agasalho. (risos)

D. Miúda - É que todo povo reunido, tá agasaiado.

Fim do dia: buritis enfeitam pôr-do-sol no deserto Jalapão

Como chegar no Jalapão

A menos que voce seja um especialista em expedições, o ideal é ajeitar tudo muito direitinho antes de se aventurar. A Pousada do Jalapão tem contatos em todo o país e arruma até mesmo carros 4x4. O telefone via satelite é 0021 881-871-126-40. Mas vale também fazer uma busca na internet.

O nome do deserto

O nome Jalapão surgiu da erva Jalapa-do-Brasil, que já foi abundante na região. A raiz era colocada na cachaça dos bares e quem pedia uma dose pequena, levava uma jalapinha. A dose grande era chamada de Jalapão. Daí o nome do deserto.